

# AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NAS PÁGINAS DO LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

Débora de Souza Bueno MOSQUEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** O jornal “*Lampião da Esquina*” (1978-1981), primeira publicação voltada para o público gay brasileiro de circulação nacional, foi criado em um período de liberação de ideais e manifestações diversas. Ao analisarmos o jornal, percebemos algumas características marcantes nas discussões sobre a formação das representações femininas e da visibilidade dessas figuras. Partindo do pressuposto de que toda representação, incluso a de gênero, trata-se de uma construção histórico-sócio-cultural, escolhemos buscar, nas páginas do “*Lampião da Esquina*”, os processos de articulação de novos paradigmas femininos, ao mesmo tempo em que se figuram padrões pré-existentes por novos atores sociais, e, ainda, como todos acabam por construir novas representações e práticas sociais do feminino.

**Palavras-chave:** *Lampião da Esquina* – Representações – Feminino.

## INTRODUÇÃO

As feminilidades podem ser compreendidas segundo Joan Scott como um “processo se reconhecemos que ‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas”.<sup>2</sup>

Tornando capaz a definição e a compreensão de diversas formas de representações interligadas aos personagens participantes do novo processo histórico atribuído a criação do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) primeira publicação voltada para o público gay brasileiro de circulação nacional.

Percebe-se então que com as mudanças de definições de padrões de feminino e masculino os campos de pesquisa se ampliam tornando mais compreensível à demanda de cada segmento assim como sua visibilidade identificada nas formas de expressão dos sujeitos envolvidos no *Lampião da Esquina* que constituiu um espaço de construção e veiculação de representações dos distintos grupos sociais à época agregados no conjunto das “minorias”, dentre eles, as mulheres.

A partir dessa visão o *Lampião da Esquina* pode ser utilizado como uma fonte para a compreensão das diversas formas de feminino, possuindo como proposta inicial

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Aquidauana. Email: [deboras.mosqueira@gmail.com](mailto:deboras.mosqueira@gmail.com)

<sup>2</sup> SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. In.: *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990, p.11.

de trabalho “dizer não ao gueto e conseqüentemente sair dele”<sup>3</sup>, isto possibilitou ao jornal a inclusão de diversos grupos sociais discriminados que viviam a mercê da opressão. Caracterizado como um jornal nanico ou da imprensa alternativa surge com um objetivo específico o de criticar a falta de liberdade e apoiar os grupos marginalizados.

“A imprensa alternativa / nanica ou de underground esteve à margem do processo editorial do mercado (...) essa imprensa, literatura banida, perseguida, acuada, coincidiu com os anos do grande florescimento do milagre econômico brasileiro. E o lugar da literatura no meio dessa sociedade da iniquidade está perfeitamente traduzido nessa imprensa que lutou sem fazer parte do mercado e do processo econômico. Ela nasceu dentro de uma sociedade que se industrializou rapidamente e é um reflexo do desprezo profundo que o sistema tem pela inteligência e pela cultura”<sup>4</sup>.

Sua redação chefe se encontrava dividida entre Rio de Janeiro e São Paulo, o Conselho Editorial era composto por 11 intelectuais: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino da Mata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascaranhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Impresso em forma de tablóide recebia diversas críticas devido a sua diagramação pesada e falta de humor presentes no jornal<sup>5</sup>. Sua primeira publicação aconteceu de forma tímida, com a entrega do mesmo em algumas residências específicas. Era dividido em 08 seções: **Opinião, Ensaio, Esquina, Reportagem, Literatura, Tendência, Cartas na Mesa e Bixórdia**.

A seção **Cartas na Mesa** expunha as opiniões dos leitores – cartas enviadas a redação – Essas cartas compunham o quadro diversificado de participantes do jornal e aprimorava uma das características do *Lampião da Esquina*, a abertura para a exposição de idéias divergentes ou não as matérias publicadas. Ao responder essas cartas o jornal traçava um seu perfil denunciando os abusos sofridos pelos homossexuais e estabelecendo diversas alianças com outros segmentos que se identificavam com este.

A participação das mulheres englobava um ideal proposto já nas primeiras páginas do *Lampião da Esquina*, quando o próprio Aguinaldo Silva justifica a ausência das figuras femininas

A ausência no LAMPIÃO não é e fique bem clara, por culpa do conselho editorial, convites não faltaram todos recusados, mas nossas colunas

<sup>3</sup> *Lampião da Esquina*, 1978, ed.0, p.02. *Saindo do Gueto*.

<sup>4</sup> FERNANDES, Millôr (1987). “*Imprensa Alternativa & Literatura - os Anos de Resistência*”, 1987, p.09. In. : LIMA, Marcus Antônio Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil, p.01. www.bocc.ubi.pt.

<sup>5</sup> *Lampião da Esquina*, ed.03, p.02. *Desafio aos cartunistas*.

continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar nesse jornal é a do feminismo, e pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem furtar, no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independente de suas preferências sexuais. (A.S.)<sup>6</sup>

Logo em seguida na edição n.02 uma leitora convoca as mulheres a se manifestarem no jornal justificando que elas não participavam devido à repressão causada pelo movimento gay.

O período de circulação do jornal compôs uma estrutura política que prevaleceu no Brasil durante 20 anos, a ditadura militar, que obteve seu ápice com a instituição do AI-5, instaurado no Governo Costa e Silva, em 1968. Este Ato Institucional dava plenos poderes ao presidente da República para perseguir seus opositores, vigiar e punir os meios de comunicação juntamente com as manifestações de liberdade de expressão. Já no seu fim em 1978 a redemocratização ganhava força para a abertura de eleições diretas possibilitando a liberalização de idéias silenciadas durante a ditadura.

### **1.1 Representações do feminino no *Lampião da Esquina***

Quando reivindicam o seu espaço de visibilidade no jornal, notada mais nitidamente a partir da ed.12, as mulheres construíram suas representações a partir desse momento específico consolidando a luta de um grupo das militantes lésbicas, que tentavam desmistificar os mitos sobre sua sexualidade.

Desejando construir um caminho amplo dessas representações femininas no *Lampião da Esquina* inicio identificando as figuras presentes desde a formação do jornal até seu declínio.

Incorporadas em um ambiente que se voltava para um público gay masculino com interesses e comportamentos específicos à participação de novos membros se torna algo mais complexo, mas justificável já que eles não desejavam escrever sobre as mulheres, pois caso fizessem isto estariam construindo representações idealizadas pelos homens, mais que as mulheres se unissem para debater expondo os resultados dessas discussões.

Na edição 03 o jornal publica na capa a contratação de 02 mulheres para comporem a redação: Zsu Zsu Vieira que publica um artigo intitulado “A doença infantil do machismo”<sup>7</sup> e Lúcia Rito que relata experiência de estudante no colégio de freiras Regina Coeli do qual era proibido assuntos ligados ao sexo<sup>8</sup>. Nesta mesma

<sup>6</sup> Idem, edição n.º.0, p.05. *Mulheres do mundo inteiro...*

<sup>7</sup> Ibidem, edição n. 03, p.02. *A doença infantil do machismo.*

<sup>8</sup> Idem. *Da Regina Coeli as coisas da vida.*

edição Norma Bengell colabora para a afirmação da participação feminina, depois de ter sua atuação na novela *Dancin Days* vetada, logo após uma discussão com o diretor da novela. A atriz decide não se calar, criticando a representação de certos valores que a mídia tenta passar para as telespectadoras, que segundo ela comportamentos típicos da burguesia<sup>9</sup>. Ou seja, sua exposição causa polêmica, pois irrita alguns poderosos, ao não aceitar ser marionete do sistema facilmente manipulável. Afirmando sua personalidade própria que deve ser respeitada e não ignorada, tendo a necessidade de debater suas opiniões, remodelando suas personagens vivenciadas caso essas não lhe agradem.

Elaborado em formas de perguntas e respostas “**Quando as mulheres respondem**”<sup>10</sup>, também estrutura duas posições femininas relacionadas a algumas temáticas complexas os preconceitos sexuais contra as mulheres. Solicitadas para responderem essa e outras perguntas Naumi Vasconcelos (sexóloga e autora dos livros *Os dogmatismos Sexuais* e *O comportamento sexual brasileiro*) e Heleieth Saffioti (professora de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara também autora de algumas obras como *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*). Naumi Vasconcelos acredita que a partir do momento que a mulher se determina como um ser humano e não mais o segundo sexo, todos os seus ressentimentos (entre eles o da frigidez) desaparecerão. Já Heleieth Saffioti defende a hipótese de que todas as sociedades competitivas determinam as diferenças entre os fracos que se tornam marginalizadas e os fortes detentores do poder.

Mudando de parâmetros Lucy Mafra, 23 anos, atriz de contos eróticos, representa uma mulher livre sem medo de expor seu corpo e sua nudez é vista como um objeto sexual, ficando conhecida como “A mulher que posou nua para *O Pasquim*” relata como foi a entrevista com os editores do jornal afirmando que eles são “um bando de machistas preconceituosos”<sup>11</sup>.

Cassandra Rios, escritora com mais de 36 livros proibidos, relata suas experiências com seres extraterrestres acentuando toda sua personalidade esotérica em uma entrevista do qual comenta a censura cometida contra suas obras já que fora acusada de “atentado a moral e aos bons costumes”<sup>12</sup>. Seus livros se caracterizam como contos eróticos destinados ao público gay, baseados em ficção ou em discursos sociais.

---

<sup>9</sup> Ibidem, edição n.03, p.08-09. *Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada: “eu não quero morrer muda”)*.

<sup>10</sup> Idem, edição n.04, p.08. *Quando as mulheres respondem*.

<sup>11</sup> Ibidem, p.13. *Confissões de um objeto sexual*.

<sup>12</sup> Idem, edição 05, p.08/09/10. *Cassandra Rios ainda resiste*.

Lecy Brandão é outra figura que está presente no jornal em diversas ocasiões, suas aparições se objetivam em alguns momentos na sua participação como compositora da Escola de Samba Mangueira, legitimando-se como “porta voz do povo guei brasileiro”<sup>13</sup>. Mas já quase no fim do *Lampião da Esquina*, Lecy Brandão, denuncia o preconceito racial, depois de ser vítima de preconceito racial juntamente com sua mãe Dona Leci.

Já na consolidação de um ano de *Lampião da Esquina* as mulheres tomam conta das publicações destinadas as suas temáticas. “Nós também estamos aí”<sup>14</sup> é o grito de chegada de um grupo de mulheres homossexuais que decide aparecer depois de um ano de existência do *Lampião da Esquina*. Justificando sua ausência devido ao medo da repressão que as cerca, pautando objetivos a serem discutidos no jornal, como as questões interligadas a homossexualidade feminina, o orgasmo e a reprodução.

O jornal também se atenta a retratar a vida da mulher negra brasileira da periferia, mãe solteira e empregada doméstica<sup>15</sup>. Em contra ponto construindo um perfil típico dos padrões das feministas brasileiras que vão desde a idade chave 30 anos, aos aspectos físicos e financeiros alta, bonita de educação e padrões sociais de vida elevados.

Critica a tentativa de outros jornais de manterem as imagens típicas da mulher como sedutora aos casos de estupro, como acontece com a matéria do *Jornal Brasil* que mostra como atentados sexuais são a rotina de assaltos. Descrevendo as vítimas como sendo “bonitas”, “boa de corpo”, estereótipos típicos das mulheres tratadas como objetos de desejo. Em nenhum momento o jornal levanta a discussão da relação de poder exercida pelo estuprador, essa matéria simplesmente acentua as diferenças anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, tentando educá-las como sujeitos submissos, frágeis e sedutoras.

Em uma das **Cartas na Mesa** a leitora Yonne L. do Rio de Janeiro faz um desabafo à discriminação sofrida pelas mulheres, consideradas tabu para o povo gay, devido à ausência delas nos movimentos de afirmação. Criando representações das lésbicas conforme os estereótipos de machões, não podendo apresentar nenhuma característica feminina<sup>16</sup>.

As mulheres lésbicas não são um estereótipo de macho. Pelo contrário, assumo minha feminilidade, (assumimos, na maioria...), grato de mulher, e daí? Porque a necessidade de algo relacionado com o homem em meninas

<sup>13</sup> Ibidem, edição 06, p.10-11. *A música popular entendida de Dona Lecy Brandão*.

<sup>14</sup> Idem, edição 12, p.07-08. *Nós também estamos aí*.

<sup>15</sup> Ibidem, edição 11, p.12. *Mulher negra: um retrato*.

<sup>16</sup> Idem, edição 21, p.18. *Irmã Coragem*.

que gostam de meninas? Por acaso um homem, para gostar de outro homem, precisa afinar a voz e dar uma de louca? Alguém lhes cobra este comportamento? E quando falo alguém, falo de mulheres, de lésbicas, também.

Sinto, cada vez mais, a necessidade de acabarmos com os preconceitos dentro do homossexualismo.<sup>17</sup>

Outra representação do feminino atribuída ao jornal esta nas imagens das travestis, que também como as lésbicas quando afirmam sua identidade rompem os padrões normativos típicos de masculino e feminino. Compõem um outro objetivo que contra põe o da mulher moderna, “já que o travesti quer dar, pretende dar ao homem tudo aquilo que a mulher emancipada moderna procura apagar de seu corpo, que é a imagem da mulher-boneca, da mulher objeto, passiva e vazia”<sup>18</sup>. Para Francisco Bittencourt esses homossexuais que decidem travestir se são verdadeiros sofredores, pois para construir sua imagem feminina passam por verdadeiros sacrifícios.

Ser mulher, todos sabemos, é muito mais complicado do que ser homem. O homem é simples mortal, se veste como pode e lhe dá na telha, nem a barba precisa fazer, se não quer. A mulher transporta consigo toda uma parafernália cosmética quase inacreditável. Assim, a opção do travesti é uma opção de sacrifício e quase sempre de muita atribulação. Isso sem falar na dor e no sofrimento dos que tomam hormônios, implantam senis, fazem eletrólise, cortam o pomo de Adão, aumentam ou rebaixam a testa, injetam silicone nas maçãs do rosto, nos lábios e nos quadris. São as verdadeiras oitavas maravilhas do mundo, ainda em primeira geração, as bichas biônicas ou experimentais, de quem não se sabe o que advirá.<sup>19</sup>

Rogéria ou “Astolfo Barroso Pinto, um rapaz nascido em Niterói que, durante anos, administrou com a maior eficiência, sua própria fantasia – ser uma grande artista – a ponto de se tornar uma comedianta, uma cantora, uma vedete e até uma atriz dramática de mio cheia”<sup>20</sup>, é uma representante legítima dessa representação feminina dos travestis.

Já no seu fim *Lampião* não instigava mais os seus leitores nem seus membros que acabaram por abandoná-lo como é o caso das “meninas do GALF” que decidem lançar na praça um outro jornal gay que abordaria mais nitidamente questões ligadas a homossexualidade feminina. Yonne é outra figura – que surgiu mandando correspondências diversas vezes para as **Cartas na Mesa** – que escreve sua última carta para se despedir, “depois de tantas lutas, se bem que sei não terem sido vãs, em prol do movimento homossexual, cansei e tirei o meu da reta”<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Ibidem, edição 21, p.18.

<sup>18</sup> Idem, edição 32, p.03. *Brasil: campeão mundial de travestis*.

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Idem, edição 03, p.10. *Rogéria super estar: confissões íntimas da camisa 10 os travestis*.

<sup>21</sup> Ibidem, edição 37, p.02. *Estamos aí!*

## 1.2 Diversidade de representações femininas no *Lampião da Esquina*

Repleto das distintas formas de representações o jornal, consegui criar um espaço visível para a circulação de suas opiniões. Obteve 37 edições publicadas e teve seu fim devido a divergências relacionadas a brigas internas.

O leitor do *Lampião* muda conforme vai mudando a linha editorial e acontecendo as brigas internas. Uma visão clara disto é a presença de fotos de homens nus. Com a distensão política, a pornografia passa a ter um espaço na mídia. O nu masculino, que antes era negado, acabou sendo uma forma de chamar atenção do leitor, e vender jornal. Mas o jornal não se preocupou em ver que o leitor do início do jornal não era mais o mesmo do fim. As imagens de travestis nas capas do jornal afastavam o leitor enrustido, ou mesmo o 'entendido'. O jornal ficou visualmente descaracterizado. Não agradava mais gregos, nem troianos. O jornal acabou de uma hora para outra.<sup>22</sup>

As representações femininas são visíveis, pois ao distinguirem suas reivindicações estampam suas imagens, compondo um quadro abrangente das construções de seus discursos e objetivos. As variedades são muitas, pois nos seus três anos de circulação do *Lampião da Esquina* as feminilidades se apresentaram em varias faces, a da mulher negra, lésbica, feminista, heterossexual juntamente com os novos padrões pré-existentes pela participação de novos atores sociais, e, ainda, construindo as novas representações e práticas sociais do feminino.

As variedades compõem também os discursos que ganham como defensores membros importantes do jornal, como João Silvério Trevisan e Francisco Bittencourt duas figuras ativas que participam nos debates referentes às representações femininas e suas reivindicações, que propõem a troca de experiências com outros grupos discriminados, pois segundo João Silvério Trevisan “a luta das mulheres é importante para a conquista de plenos direitos dos homossexuais”.<sup>23</sup>

As diferenças estão presentes, obviamente que não serão desvinculadas em algumas horas, dias e meses, mas sim através da constituição de um caminho alicerçado nas novas construções sociais da qual devemos compreender que masculino e feminino se estabelecem de diversas formas e não necessariamente de duas formas distintas biologicamente: homem e mulher.

---

<sup>22</sup> RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Tese de doutorado. Niterói, 14 de fevereiro de 2007, p.119.

<sup>23</sup> *Lampião da Esquina*, edição n. 05, p. 06. *Minorias e política*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

*Lampião da Esquina* (1978-1981).

LIMA, Marcus Antônio Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. In. FERNANDES, Millôr (1987). “*Imprensa Alternativa & Literatura - os Anos de Resistência*”. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular, Rio de Janeiro: RioArte.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Tese de doutorado. Niterói, 14 de fevereiro de 2007.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. In.: *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.